

MESA II

A cultura como instrumento de integração

A cultura como instrumento de integração do MERCOSUL

*Maria Nazareth Ferreira**

Para discorrer sobre o papel da cultura na integração, será necessário examinar o próprio significado do processo de integração à luz da identidade cultural latino-americana, respondendo a algumas indagações.

O que vem a ser o processo de integração na América Latina? Qual a integração que interessa aos povos latino-americanos? Porque integrada a América Latina tem sido desde que foi descoberta.

O estudo dos diferentes processos de integração impostos à América Latina demonstra que, ao invés de integrar, esses processos propiciam a desagregação sócio-cultural e a desintegração física e material da região. Ao lado da força física e de outros fatores de repressão menos sofisticados, o uso da comunicação com o objetivo de dominar foi largamente empregado, tanto pelo Estado, como pela iniciativa privada e pela Igreja.

A América Latina sofreu, ao longo destes cinco séculos de sua incorporação à Europa, vários processos de integração. Entretanto, os processos implementados pelo sistema dominante pretendiam uma integração a partir dos seus interesses, causando, no melhor dos casos, profunda desintegração nos diferentes aspectos da realidade latino-americana.

O estudo da conquista, na atualidade, é da maior importância, embora não seja objeto deste trabalho; a desmistificação da conquista faz parte da conscientização da América Latina sobre o seu passado. É na retomada desta discussão que se poderão encontrar os elementos constitutivos da identidade e da resistência latino-americana ao longo destes séculos.

* Professora titular da USP, representante do Centro de Estudos Latino-Americanos, Ciência e Cultura – CELACC/USP.

Parte desta luta é desmistificar a conquista e situar as origens do processo espoliador. O sistema de informação elaborado pelas classes dominantes (as crônicas, as viagens, a história oficial) construiu ao longo do tempo a imagem de uma América apática, submissa, desmemoriada, sem passado, alienada de seu presente e sem perspectiva quanto ao seu futuro.

Uma análise mais aprofundada desse sistema permite entender as razões pelas quais esta comunicação é desintegradora (do ponto de vista das classes subalternas), mas promove um tipo de integração que atende aos interesses do processo de mundialização em desenvolvimento.

Colocada a questão da integração *latu sensu*, interessa-nos examinar o aspecto da integração cultural, o que, como já assinalado, passa pela análise da identidade cultural latino-americana, implicando entender a cultura da região nesses tempos conturbados da cultura transnacional.

A atualidade latino-americana, afetada pela expansão do neoliberalismo, apresenta-se como um campo que impõe grandes desafios ao seu entendimento. Quando são colocadas as questões referentes à cultura, o problema se amplia, pois a região conjuga ao mesmo tempo dois grupos de dilemas: aqueles referentes a questões multiétnicas e os que se referem à pluriculturalidade latino-americana. Mas o problema torna-se ainda mais complexo se acrescentarmos a questão do sistema de comunicação transnacionalizado, operante na região.

É nesta situação que se pretende discutir as possibilidades de análise e compreensão da cultura subalterna como principal forjadora da identidade cultural latino-americana.

A América Latina é uma região que guarda uma riqueza cultural valiosa, tanto do ponto de vista estético, como também do patrimônio histórico e social. As manifestações de origem ancestral, principalmente quando se constituem em movimento coletivo, são veículos de idéias daqueles que lutam pela hegemonia interna dos grupos nas mais diferentes sociedades, sendo, também, um componente estratégico da luta social e um elemento fundamental na construção da identidade local, regional e também nacional. No caso da América Latina, mais que em qualquer outra região, a construção da identidade cultural é parte integrante das lutas pela igualdade social; segundo Garcia Canclini, “uma não pode ser resolvida sem que se resolva a outra”. Suas múltiplas configurações poéticas e textuais são expressão das lutas políticas, sociais e estéticas que movem a história dos povos. Através da música, da dança, dos mitos, dos ritos e de toda uma produção artesanal, a América Latina oferece aos estudiosos das mais diferentes áreas e das mais diversas linhas interpretativas todos os elemen-

tos para desvelar as concepções míticos-religiosas, políticas, estéticas de seus povos. A concepção de tempo livre, considerada como um instrumento de grande criatividade, é também determinante para a constituição da estrutura social, principalmente quando seus agentes mais destacados são artistas do povo, e também porque é neste espaço de tempo livre onde se conformam as identidades sociais.

Do início da Conquista até o século XIX, refundiram-se culturas, costumes e crenças, solidificando um sistema cultural com características próprias, alheio à homogeneidade imposta pelas metrópoles ibéricas. Se é possível verificar que na expressão exterior predominaria o elemento europeu no Direito, na religião e na técnica, tem-se que no interior do pensamento, na ação e nas práticas cotidianas, prevalecem o substrato nativo, as crenças coletivas, a memória oral etc... A força da tradição oral, de caráter coletivo, tem sua mais clara expressão nas lendas e mitos.

É nessa forma de expressão que repousam elementos importantes na construção da identidade cultural. Nesse sentido, para a maioria dos povos da América Latina, a tradição oral é uma fonte do saber. Acontecimentos que compõem a cultura universal, como o dilúvio, a cosmogonia das civilizações, o mito do primeiro homem, são encontrados na tradição oral, nos mitos e lendas, passados durante centenas de anos de boca em boca, transmitindo conhecimentos de povos e civilizações, num desafio de resistência. Essa tradição oral coletiva se mantém no tempo e se expressa em seus diferentes gêneros, que caracterizam, na atualidade, a cultura latino-americana.

Esta realidade sócio-cultural multifacetária foi forjada durante o processo de colonização. Nesse período, as várias ramificações culturais produziram uma cultura fortemente identificada com as raízes pré-colombianas. A confluência de diferentes culturas, sistemas e estilos, por sua vez permitiu que a amplitude de características simbólicas se multiplicasse várias vezes no campo da cultura latino-americana. Cada realidade local (e são inúmeras, diante da vastidão geográfica do continente) proporcionou, através da história, diferentes modos e graus de contato e de contágio cultural. Desta forma, ampliaram-se as maneiras como o povo latino-americano celebra seus rituais, seus carnavais, seus entes vivos, seus mortos e todas as suas expressões artísticas. O fato mais significativo é que estas práticas cotidianas são o núcleo gerador da cultura das classes subalternas.

O termo *cultura subalterna* ou *cultura das classes subalternas* tem origem gramsciana. O pensador italiano Antonio Gramsci, ao criar esta expressão, empregava-a no sentido de diferenciar patrimônio cultural do povo da

cultura oficial. No curso deste texto, a utilização do conceito gramsciano é uma opção consciente, por dois motivos: o primeiro, devido à grande confusão criada em torno do termo *cultura popular*, confusão de difícil solução, pois são muito diversas as teorias nas quais se baseia este termo, sugerindo, algumas vezes, a realização de amplos debates; o segundo, porque, trabalhando com um objeto de estudo referente à realidade das classes subalternas, considerou-se que o termo utilizado por Gramsci seria o mais adequado, pois, além de se referir ao mesmo conteúdo do presente trabalho, não se compromete com a ambigüidade do termo *cultura popular*.

Tomando-se a cultura em seu sentido amplo, pode-se considerar que é no espaço cultural, na cotidianidade, portanto, que se dão as relações da classe subalterna com o mundo material e com as classes hegemônicas; as exposições aos valores modernizadores da cultura hegemônica; as manifestações das formas adaptativas, de resistência e de recriação do uso das mensagens que recebem, gerando formas peculiares de participar do mundo. Considerando ainda que, de acordo com Canclini, o espaço de manifestação cultural é um espaço de manifestação de conflitos, entende-se que a cultura das classes subalternas só pode ser entendida a partir do processo ambíguo e conflitivo no qual ela está mergulhada na atualidade: de um lado, o popular como memória de outra realidade, tanto política quanto simbólica, como memória de outra matriz cultural amordaçada, negada, como resistência e réplica ao discurso hegemônico; de outro lado, como a oposição ao discurso hegemônico que a nega frente ao qual desenrola uma luta desigual que remonta ao conflito de classes, ao conflito entre a realidade da abstração mercantil e a do intercâmbio simbólico.

Nesse espaço conflitivo e adaptativo, a cultura subalterna refuncionaliza as mensagens recebidas, adaptando-as ao seu cotidiano. Daí resulta que as classes subalternas estruturam o seu mundo a partir de uma coexistência não harmoniosa, mas nem sempre conflitiva, com outras culturas e ideologias. Como resultado desse exercício de sobrevivência, a cultura das classes subalternas não é homogênea, pois nela convivem a influência das classes hegemônicas e dos valores civilizatórios ancestrais, em combinação com as características culturais geradas pela sua condição de classe oprimida. Assim, definir cultura subalterna torna-se um exercício estimulante, principalmente se o objetivo for, como é a proposta deste trabalho, contribuir para o entendimento da identidade das classes subalternas da América Latina.

Adotando uma definição de cultura como, nas palavras de Canclini, “a produção de fenômenos que constituem, mediante a representação ou

reelaboração simbólica das estruturas materiais, que levam a compreender, reproduzir ou transformar o sistema social, todas as práticas e instituições dedicadas à administração, à renovação e à reestruturação do sentido”, compreende-se que a identidade cultural é também uma construção material de sentido social, ou uma construção simbólica; daí resulta que a “cultura é o corpo da identidade”.

Em que pese todas as dificuldades para o entendimento da identidade dos elementos de resistência, é indispensável recordar que a composição das classes subalternas da América Latina está baseada no legado étnico e cultural de índios e negros. Portanto, a base material da região assenta-se nesta herança.

As manifestações culturais e artísticas, legadas através dos séculos pelas culturas indígena e negra, podem ser o fundamento da resistência cultural das classes subalternas na atualidade e estão também presentes na indústria cultural, apropriadas que são pela mídia, no exercício do domínio que se tem sobre esta realidade.

Entretanto, como assinalam alguns autores, não se reconhece qualquer autonomia às culturas populares, ao inseri-las na realidade da indústria cultural. É significativo ainda que, além da apropriação efetuada pela mídia, também as classes dominantes utilizam as manifestações culturais originárias das classes subalternas e, mediante um processo de manipulação de seus significados, modificam-nas em símbolos nacionais.

Talvez seja esta prática o que transforma os *mídia* em elementos sedutores aos olhos das classes subalternas e faça com que eles tenham a aceitação que têm na nossa realidade. Entretanto, nestes tempos de globalização da cultura, o problema da cultura subalterna e principalmente de sua força identitária sinaliza para a necessidade de uma solução urgente, sob pena de seu aniquilamento.

O problema que atinge todos os países latino-americanos é a forma como se processam as suas inserções na modernidade globalizadora. O auge deste fenômeno histórico está sendo atingido por meio da diluição de fronteiras geográficas e culturais, principalmente pelo avanço acelerado da tecnologia comunicacional, o que se manifesta na crescente e profunda globalização da produção simbólica hegemônica, viabilizada e identificada, entre outros fatores, pela expansão do turismo, que também tem um alto teor simbólico e uma eficiente função comunicativa.

Por outro lado, esse processo de modernização tem por objeto a inserção formal dessas populações no mercado de consumo de bens materiais e simbólicos. Não é de interesse das elites que comandam a globaliza-

ção a participação efetiva das classes despossuídas na tomada de decisão sobre o rumo que essa venha a seguir, nem as suas conseqüências. Existe uma prática de desvalorização e de desmobilização de recursos comunicacionais das classes subalternas. Experiências, por exemplo, de rádios livres, de rádios comunitárias, de televisão comunitária, nem sempre têm bons resultados. Têm de subsistir na ilegalidade para poder existir.

Fortalecer os mecanismos da democracia direta e da cidadania, e democratizar a comunicação não são os planos das elites, que desejam uma inclusão abstrata, praticando uma exclusão concreta.

A consciência dessa realidade e a vontade política de trabalhar estas questões são o único caminho no sentido da construção de uma verdadeira integração dessa parte da América Latina, sempre tendo por base que a cultura subalterna é o verdadeiro alicerce dessa ação libertadora que, ao mesmo tempo em que promove a liberdade, reconstrói, no processo mesmo, a identidade cultural da região.

Obrigado.

Palestra do professor Hector Schmucler*

Primero quiero disculparme por no hablar en brasileño, que no sé si es lo mismo que hablar en portugués. Yo no hablo ni uno ni lo otro. Los diez minutos más que me dan, es para que yo hable lentamente y puedan ustedes entenderme, no es un privilegio.

Se me ocurre pensar después de haber escuchado, después de las exposiciones de ayer, que, aunque estamos en un encuentro sobre el Mercosur, no resulta fácil hablar del Mercosur porque según nos mostraron los expositores, hasta este momento, el Mercosur es algo que está y no está, que tiene una cantidad de documentos firmados por cuatro países, pero la vigencia real, es decir, la vida real del Mercosur es algo que siempre está en cuestión.

Bueno, yo voy a hacer un esfuerzo para hablar del Mercosur, pero, teniendo en cuenta, aclarando, que, en el campo de la cultura todavía es mucho más difícil hablar de un Mercosur que en el campo de lo económico y sobre todo en el campo comercial; es decir, en el terreno de los intercambios hay algunas prácticas, se compran, venden, se deja de comprar, hay conflictos por distintas razones de orden económica. En cambio en el campo de la cultura todo es más difuso, todo es más poco definido. Porque hasta ahora lo que ha existido, lo que existe en esto que se llama el Mercosur, desde el punto de vista de la cultura, también son reglas de intercambio y hay una sucesión de encuentros, a lo largo de estos diez años, que han propiciado un mayor intercambio, un mayor conocimiento de las producciones culturales pero que quedan en el campo del intercambio. Quiero decir que cuando se habla de cultura, podemos hablar del comercio de la cultura o de la cultura propiamente dicha. Y aquí hay una diferencia fundamental. Si solamente se estipulan las normas para facilitar la venta de productos llamados culturales, estamos siempre en el campo del merca-

* Professor do Centro de Estudos Avanzados, da Universidad de Córdoba – Argentina.

do, estamos siempre en el campo del comercio y habría, talvez, que diferenciar alguna otra cosa que se pueda llamar cultura. El título de esta mesa, el nombre es la cultura como elemento de integración. Repensando el título de esta mesa me encuentro un tanto sorprendido porque pienso: ¿qué otra cosa es la cultura sino un proceso de integración?; ¿ puede imaginarse la cultura fuera de una memoria común, fuera de experiencias, creencias comunes que hagan esto que llama cultura? Es decir, pareciera que siempre que se habla de cultura se habla de integración. Y repito, si solamente se piensa que el comercio de la cultura es un paso a la integración, seguimos hablando de comercio pero no necesariamente de cultura, seguimos hablando de ampliación de mercado pero no de constitución de una cultura común.

Muchas veces cuando hablamos de cultura vinculado al Mercosur, es decir, como un estímulo para el proceso de integración de nuestros países, lo único que hacemos es una especie de voto piadoso, de expresión de buenas intenciones y también de lugares comunes.

Creo que cuando se habla de cultura en el caso del Mercosur abundamos en lugares comunes, que cuando uno los quiere ver materializados, cuando quiere preguntarse de que se trata, tenemos escasas respuestas. Porque la cultura, creo, no es un acto de pura voluntad, la generación de una cultura no es un acto de pura voluntad. Sí puede ser un intercambio mercantil un acto de voluntad, pero no la cultura que requiere tiempo, requiere elaboración, requiere experiencias comunes por parte de una población para que pueda pensarse en una cultura de un núcleo humano determinado. Hablar de cultura es hablar de lo que nos pasa todos los días, lo que nos pasa, quiero decir, como vivimos todos los días, como vivimos como seres humanos. No sólo las transacciones que nos rodean, no sólo el mundo que nos rodea, sino cual es nuestra experiencia como sujetos que estamos incluidos dentro de un espacio humano determinado. Es decir, cuando nos preguntamos por la cultura, nos estamos preguntando en que somos, que somos, cada día y no sólo como vivimos cada día, es decir, no sólo como actuamos para sobrevivir cada día. Es decir, estamos en este indefinido y discutible campo de lo que yo me atrevo a decir espíritu. Es claro que hablar de espíritu en el campo de la academia, a veces no es demasiado bien visto, porque el espíritu, la manera de vivir eso que va más allá de la existencia material no es demasiado fácil de estudiarlo científicamente entonces entramos en una zona más bien de creencia que de demostraciones científicas. Por eso me parece que es tan difícil hablar del Mercosur y la cultura, porque como podemos visualizar algo que se llame el espíritu de los que componen, de los habitantes que componen

este, esta limitación que significa, este límite, este nuevo mapa que significa, o debería significar el Mercosur. En fin, creo que nos quedan, y como buena tarea académica, y yo me coloco en ese espacio, el hacernos preguntas, el seguir preguntándonos si es posible hablar de un Mercosur de la cultura y que significa ese Mercosur cultural. Porque ustedes bien saben que existe un Mercosur cultural. Es cierto que todas las referencias se hacen al Mercosur económico pero aún desde el punto de vista de los tratados existe tratados que tienden a estimular esto que se llama Mercosur cultural.

Ayer se dijo, si no entendí mal, si no entendí mal a la representante de la Unesco, que en realidad antes está la cultura y después está la posibilidad de integración económica. ¿ Que quiero decir con esto? Que según mi entendimiento, según lo que yo entendí, que si no hay un espacio cultural común, lo que podemos hacer son acuerdos comerciales, podemos hacer, podemos hacer acuerdos de tipo económico, pero, para hacer estos acuerdos no hace falta generar proyectos de integración regionales. En realidad toda la vida, desde que existen relaciones entre los Estados, ha habido acuerdos económicos. El proyecto, el modelo, la ilusión de generar un espacio común va más allá de un simple acuerdo mercantil. Por eso decía que pensar en integración, pensar en plantearse como un destino común requiere ciertos acuerdos previos, cierta experiencia previa de comunidad cultural.

El Mercosur cultural, en cuanto a los tratados firmados, bueno, seguramente ustedes bien conocen, recibió este nombre: Mercosur cultural, en una reunión de autoridades culturales de los países del Mercosur en 1995 en Buenos Aires. Pero en realidad ya había habido intentos, ya en 1992, en una reunión llevada a cabo en Brasília, también de autoridades culturales, se empezó a plantear, aún cuando no estaba totalmente vigente el Mercosur desde el punto de vista económico, se empezó a plantear la necesidad imperiosa de buscar formas de integración desde el punto de vista de la cultura. Bueno, yo tengo acá el dato pero es aburrido leer toda la historia de las reuniones en pró de un Mercosur cultural pero lo cierto es que a partir de 1995, en 1996 en Fortaleza se firmó lo que se llama el protocolo de integración cultural del Mercosur. En ese protocolo, donde participaron ministros de cultura de los cuatro países y además observadores de Chile y Bolivia, es decir el protocolo firmado en 1996, en Fortaleza, y que recuerdo, había tenido como antecedente inmediato la reunión de Buenos Aires de 1995, se establece que el Mercosur cultural es necesario porque dice textualmente porque *la cultura ha adquirido una importancia económica creciente en el mundo actual, tanto por la exigencia cada vez mayor de calificación intelectual, polivalente y dinámica exigida por las nuevas tecnologías como por constituir*

un sector de actividades que emplean un número importante de trabajadores y moviliza considerable volumen de inversiones. Yo me he permitido leer este breve párrafo que caracteriza lo acordado para el Mercosur cultural para mostrar como en realidad se habla poco de cultura. Se habla del valor económico de producciones llamadas culturales. Curiosamente estas características, subrayo dos de estas características: la necesidad de calificar, de preparar personas aptas para la integración en el mundo económico a partir de las nuevas tecnologías y la producción cultural como elemento que favorece el empleo de personas y moviliza, dice, considerable volumen de inversiones. Pero este rasgo de la cultura, este rasgo de la cultura, es decir, la cultura como elemento que ayuda a la integración a un proyecto global, y la movilización de recursos económicos a partir de productos culturales, en realidad es el rasgo de la cultura de nuestra época, no es un rasgo propio del Mercosur, es la manera en que el Mercosur se incorpora uniendo la voluntad de varios países a un mercado que es el mercado mundial, a un modelo cultural que es el de la cultura contemporánea. Quisiera ser claro en esto, en realidad lo que postula el Mercosur cultural es incluirnos en un modelo más amplio que es el modelo que hoy podríamos llamar del mundo globalizado por lo cual la cultura solo ha ido adquiriendo sentido en la medida que es traducido en valores económicos. Yo aquí quiero marcar bien este hecho, el Mercosur es un proyecto de orden económico que favorece a la economía de los países, en mejor de los casos. Yo no quiero entrar a discutir ventaja o desventaja del Mercosur, estoy tratando de describir como estamos presenciando este fenómeno. Pero cuando se lo toma como un aspecto meramente económico, la cultura pasa a ser otra cosa, pasa a ser un instrumento del intercambio mercantil, es decir, la cultura que en sentido más fuerte debe evocar el espíritu, al que aludimos antes, el espíritu de los pueblos, pasa a ser un puro valor de cambio. Pero éste es el problema que existe hoy, el problema de nuestra época, el problema mundial, el problema global es que la cultura sólo se define por un valor de cambio. Es decir, el modelo de intercambio mercantil atraviesa la cultura, pero esto es otro tema, esto es otro tema que nos llevaría a discusiones que a mi me gustaría hacer pero, obviamente, sería otro espacio y en más tiempo. ¿ Qué queda de la cultura cuando sólo se mide en el valor de cambio? ¿ Qué queda de la cultura cuando pasa a ser vista desde una óptica del puro mercado capitalista? Cuando digo capitalista quiero decir de la oferta y la demanda, quiero decir, cuando el único objetivo claro que aparece es el de la acumulación y cuando la cultura pasa a ser medida según el valor de mercado que adquiere en cada ocasión. Cuando hablamos de

cultura estamos hablando de un amplio panorama, estamos hablando desde el arte hasta los sistemas de enseñanza y todo esto hoy, en nuestra época, ha sido atravesado por el espíritu mercantil.

Cuando se habla de arte, se habla del valor de la obra artística. Cuando se habla de un gran escritor, en general, quiero aclarar, hay también otras opiniones, pero en el sentido común, un gran escritor: el que vende muchos libros; un gran artista plástico: el que vende a cifras muy altas sus producciones. Las universidades, cada vez, más se miden por la relación entre inversión y producto, es decir, cuanto más personas aptas para incluirse al mercado produce una universidad, es mejor calificada. Y ustedes saben que hay todo un *ranking* de calificación de universidades en relación a lo que produce como parte de construcción del mercado global, no lo que produce en pensamiento. Es menos calificada una universidad porque haya producido un gran filósofo que si ha producido un gran economista que ha ayudado a generar el mercado mundial. Cuando se habla de Mercosur, integración, cultura, siempre, o con frecuencia, se evoca una especie de voluntad de destino común que atravesó los años, atravesó la historia de América Latina a través de por lo menos dos siglos y el punto de partida se repite a cada rato, cada momento, es el proyecto bolivariano de, de esa gran patria americana. Quiero argumentar, lo que voy a argumentar, es para decir que el Mercosur no tiene nada que ver con el proyecto bolivariano. Porque recuerdo, dado un par de datos históricos, la primera vez que Bolívar habló de este proyecto de armonización, de unión, de países latinoamericanos, de países americanos, americanos, no latinoamericanos, lo hizo en una, en algo que quedó como, digamos como, un dato importante en la historia casi literaria de América, que fue la carta de Jamaica, la famosa carta de Jamaica, que es una carta que el envía a una persona, Bolívar, fechada el seis de setiembre de 1815.

Expresaba, ahí, el deseo de formar, de todo el mundo nuevo – dice Bolívar – una sola nación con un sólo vínculo que ligue sus partes entre sí y con el conjunto. Dice en una de las frases Bolívar en esa carta, *que bello sería que el istmo de Panamá fuese para nosotros lo que el de Corinto, el istmo de Corinto, fue para los griegos. Ojalá que algún día tengamos la fortuna de instalar allí, en Panamá, un augusto congreso de los representantes de las repúblicas, reinos, e imperios para tratar y discutir sobre los altos intereses de la paz y de la guerra con las naciones de las otras partes del mundo.*

¿Cual es la idea? Todo América constituyendo un gran bloque de naciones que se instalara como tal, como una única nación, en el conjunto del mundo, en el conjunto del mundo que, como ustedes bien saben,

estamos hablando de 1815, 1820, se había constituido también en grandes grupos de naciones que todavía estaban en la disputa por, o contra, el desarrollo de la Revolución Francesa. Es la época de las grandes alianzas de los países a favor o en contra de la Revolución Francesa, es el momento de auge de los ejércitos franceses que llevan la idea de la Revolución con las propias armas. En este momento que incluye Bolívar la idea de una América que pueda defender sus propios intereses después de haber realizado el esfuerzo de independencia que había caracterizado esos años. Sin embargo, continúa la propia carta de Bolívar, *esta especie de corporación podrá tener lugar en alguna época dichosa de nuestra regeneración, porque otra esperanza es infundada, semejante a la del abate Saint-Pierre, que consiguió el laudable delirio de reunir en un congreso europeo para decidir de la suerte y de los intereses de aquellas naciones*. Es interesante pero varios siglos antes el abate Saint-Pierre había pensado en la unidad de las naciones cristianas para oponerse a las naciones musulmanas, es decir, también era un proyecto de unificación, de coordinación de naciones frente a otras naciones. En este caso Bolívar estaba sustentando la unidad de América, es decir, que no estaba excluyendo a Norteamérica. Por eso enfatizé, no era de Latinoamérica sino de América y el ismo justamente nos unía con esa gran porción que es Norteamérica para ocupar un lugar en espacio de las naciones del mundo. Simplemente quiero señalar que en la carta en realidad recién se publicó tres años después y para sintetizar esta idea la siguió, la siguió enunciando con enorme escepticismo Bolívar, pero siguió insistiendo en ella como ideal a realizar y en 1825, diez años después, convoca en Paraná, un congreso. Un congreso de los países de América para intentar llevar a cabo esto. Claro, nadie puede saber que ocurría en el sentimiento de Bolívar pero era como un acto que necesariamente debía cumplirse a pesar de su escepticismo. Es algo así como, salvando todas las distancias, como nosotros aquí reunidos para ver que podemos hacer porque sentimos que algo tal vez podamos hacer como representantes de diversos países pero estamos llenos de obstáculos que nos mueven más bien al escepticismo que a la euforia.

Bueno por supuesto el congreso de Panamá, como es conocido, fracasó rotundamente y me interesa destacar algunas de las razones porque uno puede pensar que fracasó. Fracasó porque en realidad era una buena idea de Bolívar, una buena idea, una idea producto de su imaginación sustentada en creencias, en creencias, en convicciones, en teorías que inspiradas, ya se sabe, en las ideas más avanzadas del iluminismo de la época, hacía que Bolívar pensara en esta posibilidad ideal de una gran nación americana que pudiera tener una presencia propia en el mundo.

La novela de García Marquez, “El general en su laberinto” evoca, como ustedes también saben, los días finales de Bolívar, esos días en que, en que en realidad todo parecía concluido para él, todo dispersado, todo su esfuerzo en vano, dicen que Bolívar hablaba de haber arado en el mar porque talvez aquél momento que su propia carta de Jamaica enunciaba no había llegado. Seguramente no había condiciones y este es un tema importante para la práctica política y para la práctica histórica. A veces queremos por un acto de voluntad realizar cosas que no son realizables y muchas veces al querer realizarlas cuando todavía no hay los presupuestos necesarios para hacerlo, a veces nos llevan a caminos sin salida. Bolívar pensaba que había arado en mar y realmente los últimos días de este, de esta figura, talvez la más ilustre de América – esto nunca quiere decir, entre paréntesis, nunca esto hay que decirlo en Argentina, porque la más ilustre de América en la Argentina tiene que ser San Martín, pero bueno, desde ahí empiezan también nuestros conflictos, sin embargo, para el mundo Bolívar es el libertador de América – digo, seguramente era más su teoría de lo que debía ser que la posibilidad de lo que podía hacer. De todas maneras y con esto cumplo el horario, de todas maneras el proyecto de Bolívar era el de hacer una nación americana que se diferenciara del resto de las naciones del mundo, no para competir sino para poder mantener, para poder resguardar, para poder construir una identidad propia, para que sea reconocida; la diferencia no está tanto en la pugna como en ser reconocido como algo con unidad propia. Esta voluntad de Bolívar de nación americana frente, diferenciada de otras naciones del mundo, ¿ es el mismo proyecto del Mercosur? Y esta es una interrogante talvez inquietante.

El Mercosur, como es más o menos *vox populi*, es la forma posible de integrar nuestros países al mundo, no de diferenciarlo sino de integrarlo y aquí, desde parte, desde el punto de vista de la cultura, se me genera otro interrogante: ¿ cómo cultura con identidad propia, cuando al integrarnos al proyecto de mundo global en realidad también aceptamos las reglas por las cuales ese mundo tiende a diluir las identidades para facilitar el intercambio?

Quiero ser claro en esto, yo creo que la llamada cultura de la globalización se realiza en cada lugar pero el mismo modelo de cultura que tiene que ser, subrayo ese tiene, tiene que ser universalmente aceptada para que los intercambios comerciales que surgen de esta cultura global sean posibles. Si el Mercosur es la forma de incluirnos en esta cultura global me resulta difícil imaginar en la construcción de una identidad mercosureña que pueda diferenciarse de las otras. De allí que, cuando en el Mercosur cultural según los acuerdos firmados se enfatiza el aspecto económico de

la cultura, no me parezca que es a contrapelo, en contradicción con el espíritu general de Mercosur que aspira a incluirse en mercado global. Todo esto tiene infinidad de consecuencias y mi conclusión, que pareciera llevarme a una opción. Si queremos identidad no nos incluyamos en el mundo global pero ¿podemos nos incluirnos en mundo global? Y si nos incluimos en mundo global, en esto que se llama la globalización, ¿podremos buscar alguna forma de identidad?

Yo no quisiera caer en la expresión de buenos deseos que siempre aparecen, que siempre se repite en reuniones como esta, es decir, busquemos nuestra identidad en esa globalización. Creo yo que en la globalización no hay identidades posibles salvo esta nueva identidad que deja de ser tal porque no identifica a un grupo humano sino que hace, sólo tiende a hacer posible un mejor desarrollo de la compra y venta de productos. Ante la pregunta ¿podemos evitarlo?, yo me temo que no. Creo que no tenemos más remedio, no tenemos más remedio que incluirnos en este mundo como no tenemos más remedio de buscar formas asociación sean el Mercosur o sean las formas que se inventen en el futuro para poder continuar persistiendo en la economía tal cual como se da en mundo. El Mercosur es producto de una, el Mercosur o esta forma de asociación son producto de una necesidad del modelo económico capitalista globalizado y no la vocación de una patria única con una identidad cultural fuerte como la que aspiraba Simón Bolívar. No tenemos más remedio y talvez sea la tragedia de nuestra época, sabemos que esto nos va a hacer perder, algunos creemos que esto nos va a hacer perder la posibilidad de una identidad propia y sin embargo no tenemos más remedio que incluirnos en este mundo global. Por eso digo trágica, porque sabemos del destino y no lo podemos impedir. Sin embargo nos queda como expectativa y esta es, a esto personalmente tiendo, nos queda como expectativa el mantener el espíritu crítico, saber que esto ocurre pero que no necesariamente, para mi gusto, es lo mejor que nos puede ocurrir. Y saber que esto ocurre porque hay un proceso histórico que nos lleva a esto, no que es un proceso natural. Ningún dios ha decidido la globalización. Nada por encima de la voluntad humana decidió esto. Este es el modelo que se ha impuesto con el acuerdo o el desacuerdo de una gran cantidad de la población del mundo. Quiero aclarar que nunca se puso a votación la globalización. La democracia, que yo reivindico como la mejor forma de existir, de poner en discusión las cosas substanciales de la vida cultural de los pueblos. Nadie votó, nadie votó. No hay democracia para que se impongan los modelos tecnológicos contemporáneos. Nadie votó la globalización. Son fenómenos que se impusieron por otros meca-

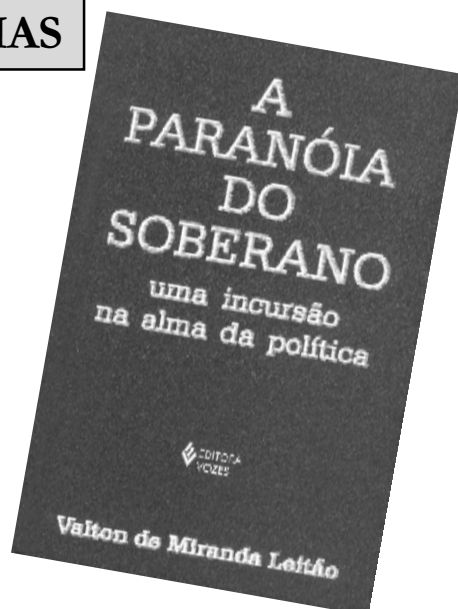
nismos que son los de una forma, una forma determinada del desarrollo económico. Ante esto, que no hemos decidido pero que se nos impone, y ante lo cual no nos podemos resistir por la fuerza que tiene. Creo que ante esto nos queda sí, por lo menos a los que nos dedicamos a este vicio, oficio, pero a su vez vicio de pensar, el seguir siendo críticos.

Descartes, con quien tengo muchos puntos de acuerdo y muchos de desacuerdo, pero claro Descartes no le interesaría mucho que uno no esté muy de acuerdo, sin embargo tenía en su elogio de la persona humana, tenía una expresión que me gusta repetir. *La naturaleza*, decía Descartes, *es mucho más poderosa que el hombre común*. Sin embargo la diferencia está en que la naturaleza, un cataclismo por ejemplo, un terremoto, lo que quiera, o un río o un mar; la naturaleza puede matar a un hombre y no sabe que lo está matando. El hombre no puede impedir ser muerto pero sabe que está muriendo. Creo que esta dignidad de lo humano es lo que tendríamos que preservar porque talvez nos permita volver a construir el mundo.

Gracias.

EM TODAS AS LIVRARIAS

*A política e o poder
através do olhar
de um psicanalista*



Palestra do professor José Teixeira Coelho*

Proponho trocar com vocês algumas imagens de como anda, não apenas o intercâmbio cultural e a cultura como elemento de integração, mas como anda também a imagem da integração cultural, qual é a imagem que cada um dos países do Mercosul tem, de si e do outro, nesse jogo que se está tentando montar.

Essa questão da imagem para mim é particularmente importante porque um dos conceitos produtivos de cultura é aquele segundo o qual a cultura é a pele. A cultura é o modo pelo qual nós nos damos a ver ao outro e a nós mesmos. É o elemento fundamental: é impossível imaginar um corpo sem pele. A pele é essencial e a essência aparece na pele e, portanto, as imagens que ficam nas superfícies dos fenômenos são particularmente relevantes. É uma das imagens que eu gostaria de trocar com vocês é extraída de um pequeno filme de uma companhia de aviação brasileira, que agora está se projetando no cenário internacional. Há cerca de dois meses atrás esta companhia começou uma nova campanha de publicidade. O primeiro filme mostrava o interior de um avião desta companhia e, na primeira seqüência, apareciam dois homens diferentes fisicamente um do outro tentando colocar nos bagageiros as suas malas. Um vira para cá, o outro vira para lá, há um empurra-empurra, um certo incômodo geral e eles conseguem colocar as malas nos seus respectivos lugares e se dirigem para os seus assentos e têm uma surpresa desagradável ao perceber que eles estão colocados lado a lado. Aí você pode ver não mais a ação dos personagens, mas os personagens eles mesmos. Um é um pouco mais baixo, a pele mais morena, cabelo quase raspado, de paletó e gravata. O outro é mais alto, magro, com os cabelos compridos e com bigodes. A coisa segue um pouco mais adiante e pela situação e pela locução do filme, você percebe que são dois jogadores de futebol, um é brasileiro e o outro

* Professor do Museu de Arte Contemporânea, da USP.

é argentino. O brasileiro é reconhecido pela pele, pelo cabelo cortado curto, de condenado, de marginal, que virou moda depois que o Ronaldinho começou a usá-lo (por uma razão absolutamente inexplicável, mas culturalmente bem explicável), com uma cara de cafajeste mal contido dentro do paletó e da gravata, e o argentino com aquela cara de argentino que nenhum argentino tem mais, mas que é a cara prototípica do argentino para o brasileiro e que é a cara que a companhia de publicidade achou que seria interessante para passar mais rapidamente a sua mensagem. É verdade que o jogador de futebol argentino ainda tem, às vezes, o cabelo um pouco mais longo, mas não tem o *bigodão* mais. No entanto, o *bigodão* é fundamental para caracterizar o argentino.

Assim que eles se sentam na poltrona, o argentino tira o braço do brasileiro e o brasileiro dá um pisão no pé do argentino. Mas, cada um na sua, sem grito, sem denúncia, sem nada. E continuam nessa história, se empurrando. A aeromoça passa, olha para ambos e faz uma expressão severa de censura e eles param um instante. Quando a aeromoça vai embora eles continuam se empurrando. Até o ponto em que a aeromoça vem e puxa o cartão vermelho e dá para os dois. Eles se levantam e começam aquela coisa típica de jogador de futebol sul-americano dizendo “ah, mas ele é inocente, ele não fez nada” e enquanto isso, o brasileiro dá uma cotovelada no estômago do argentino e argentino tenta fazer o mesmo na cabeça do brasileiro. Eles reclamam, se sentam novamente e na seqüência final do filme os dois estão tomando champanhe, os dois lado a lado mas visivelmente incomodados com a presença mútua. Eu seria incapaz de produzir uma imagem mais eloqüente das relações imaginárias e culturais entre Brasil e Argentina nesse momento.

Mas há uma corroborante nesse processo. É que, por uma extrema coincidência histórica (mas nós sabemos que não há coincidências históricas), era exatamente o momento em que o Cavallo estava voltando à cena argentina e nos jornais, um dia ele dizia que o Mercosul não valia para nada, que o Brasil estava querendo sufocar a Argentina, que eles iriam sair do Mercosul e etc. No dia seguinte ele voltava atrás do que havia dito, mas, no outro dia ele tirava, unilateralmente, uma alíquota de importação de um produto. O Brasil reclama, o presidente brasileiro cancela uma viagem à Argentina e assim por diante. Essa agência de publicidade jamais poderia ter pensado numa representação cultural das relações entre os dois países mais eloqüente, não só a partir do momento, mas cobrindo um espaço de tempo bem mais amplo. É uma fantástica demonstração de como, efetivamente, as coisas andam ao nível da correspondência cultural, do desejo de

entendimento cultural, dos desentendimentos culturais que nós temos ao nível do Mercosul. O exemplo que estou dando é Brasil e Argentina, mas, um pouco mais, um pouco menos, nós poderíamos encontrar imagens semelhantes em relação ao jogo entre os quatro países, ou pelo menos entre os três países. Em termos de imaginário, do ponto de vista do Brasil, há dois que são muito fortes, por razões muito diferentes – Argentina e Paraguai – e um terceiro imaginário que é um pouco mais neutro, que é o das relações entre o Uruguai e o Brasil.

Este filme é algum tipo de advertência para nós daquilo que pode ser esse intercâmbio cultural entre Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai, Chile e Bolívia? Em que se baseia um intercâmbio cultural? O Hector comentou que a cultura é uma coisa que deriva da existência comum de uma vida comum, de um passado comum, de projetos comuns. Em termos de projetos comuns, qual é, efetivamente, a imagem que nós tiramos deste proposto bloco? Qual tem sido o imaginário desses quatro países mais dois (Chile e Bolívia)? Para mim, me parece inegável que o imaginário que cada um desses quatro países mais dois sempre esteve apontando para algum outro lugar que não o imaginário do país vizinho. O imaginário do Brasil, por exemplo, sempre esteve voltado para o Norte e para o Nordeste, do outro lado do Atlântico. E é para o mesmo lugar que tem sido apontado, historicamente, o imaginário argentino. Ele também olha para o Norte, mas não o Norte imediato, senão eles seriam obrigados a olhar para nós. Eles passam por sobre nós (a nossa pele é invisível) e vai olhar para o mesmo Norte e Nordeste que nós olhamos. O Brasil não olha para Oeste, a Argentina não olha para o Oeste e nenhum dos dois olha para o Leste, porque no Leste tem a África, esse continente absolutamente invisível. O nosso imaginário tem uma rota única e essa rota não é de convergência. Os imaginários não propriamente se repelem, mas eles se unem num ponto de fuga, num ponto externo. A existência de um destino comum, de uma herança comum, de uma carga comum é absolutamente ilusória. O Brasil, por exemplo, nunca participou do sonho bolivariano da Pátria Grande. Mesmo porque, quando eu pergunto a qualquer um dos meus amigos o destino de sua viagem eles dizem que, se vão à Argentina, Chile etc., eles dizem que vão à América Latina. Portanto, nós estamos automaticamente excluídos da América Latina. Curiosamente, o mesmo acontece nos outros países deste continente, segundo colegas meus da América do Sul. Onde é a América Latina? O que é a América Latina? A América Latina será mesmo uma invenção dos franceses no século XVIII, como já aprendemos nos livros de história, mas que não tem nenhuma realidade materi-

al, concreta, para nós mesmos? E se não tem, o que nós estamos perseguindo afinal? E onde fica a questão do intercâmbio cultural e do uso da cultura como elemento de integração?

O primeiro ponto da intervenção do Hector, que diria respeito a essa questão da cultura como uma experiência comum, um passado comum, de um projeto comum, para mim, segue as linhas de um quadro que não diverge muito, apesar de eu ter feito alguns exageros, deste primeiro quadro que eu comentei. A segunda observação do Hector, a respeito de uma distinção muito pertinente que ele faz sobre a diferença entre comércio da cultura e cultura, se nós formos verificar como anda o comércio da cultura no Mercosul, nós chegaremos a conclusões não muito diferentes daquelas que eu tracei em relação à questão da vida comum cultural. Quanto ao comércio da cultura, se nós tirarmos daqui aquele grande comércio que diz respeito à comunicação de massa via televisão e via música, o restante é inexistente. Há dois anos atrás, na USP, quando nós organizamos a Semana do Cinema Argentino (com enorme sucesso, diga-se de passagem), as pessoas, ou, pelo menos, os jovens estudantes queriam saber que filme os argentinos estavam fazendo. Promovemos este festival numa sala de cinema dentro da universidade, que fica fora da cidade (isto é uma outra questão cultural de São Paulo - a inexistência da universidade dentro da cidade), fomos à cidade, numa grande sala de cinema e conseguimos uma sala para exibirmos um filme argentino por dia, durante uma semana, e a sala ficou cheia durante sete dias. Este projeto previa uma reciprocidade: uma semana de cinema brasileiro deveria ser feita em Buenos Aires, o que jamais foi feito. Não foi possível encontrar nenhuma condição, por empréstimo, por patrocinador, ou o que fosse para realizar a Semana de Cinema Brasileiro em Buenos Aires com a parceria da Universidade. No ano passado, o Museu de Arte Contemporânea lutou durante quatro meses para trazer ao Brasil uma exposição de oito artistas argentinos contemporâneos de enorme expressão argentina e mundial, chamada “Cantos Paralelos” e foi impossível encontrar um patrocinador para efetivar este intercâmbio. Durante oito meses, nenhum patrocinador brasileiro, evidentemente entre aspas, sublinhado, como for, se interessa em patrocinar um produto cultural de outro país, menos ainda se ele for da Argentina. Ele vai patrocinar com muita facilidade se for uma mostra austríaca, uma mostra alemã, uma mostra francesa, mas ele não vai patrocinar uma mostra argentina. E não foi possível encontrar um patrocinador argentino, uma vez que os patrocinadores argentinos aparentemente não tinham interesse em patrocinar um evento cultural como elemento de construção de uma ima-

gem. Essa mostra havia sido planejada (e isto é um outro elemento revelador a respeito da situação da cultura no Mercosul), organizada e montada inicialmente na cidade de Austin, capital do Texas, de onde saiu o George Bush, por uma universidade americana, sob os cuidados de uma curadora porto-riquenha. Lá foi mostrada, tentou-se trazer a mostra para o seu lugar mais próximo e foi impossível. Eu poderia dar uma série de outros exemplos dessas dificuldades enormes em que se dá, ou não se dá, a troca cultural, a troca de imagens nesta pequena porção da América do Sul que é o Mercosul. Estes dois exemplos que eu mencionei, fazem com que nós pensemos a respeito das entidades, das pessoas, das instituições que poderiam ou deveriam ter interesse nesse intercâmbio cultural. Quem são as instituições que deveriam ter interesse neste intercâmbio cultural? Algumas são os governos, a outra seria a iniciativa privada. Pelo menos é assim que está organizado o mundo da cultura no Brasil e é assim que tende a estar organizado o mundo da cultura em outros países. Mas no Brasil nós temos políticas de Estado para cultura e nós temos políticas de iniciativa privada para cultura. Não é inteiramente mal que seja assim, uma vez que as iniciativas, que a política cultural de iniciativa privada para cultura visam, de certa forma, abrir um caminho para aquele tipo de cultura que a política cultural governamental não privilegia, não quer pôr em prática. É uma forma de o restante da sociedade ter um pouco de presença, de visibilidade no campo da cultura. É totalmente insatisfatória, nós já sabemos todas as críticas que devemos fazer, mas é uma forma de se dividir, de se abrir um pouco mais ou de se eliminar a hegemonia, a força única da política governamental. Quando nós olhamos para o Mercosul, nenhum desses dois domínios demonstra, efetivamente, interesse concreto no intercâmbio cultural. A Europa, que tem uma experiência de integração econômica que é aquela que nós queremos seguir (mais uma vez nós queremos seguir algum modelo que foi proposto fora de nós), a Europa tem, nesta área da cooperação cultural, uma enorme experiência que está se acumulando em todas essas décadas em que eles lutam para fazer uma comunidade e, especialmente, de modo muito particular na última década. Inúmeros programas de aproximação cultural, de intercâmbio cultural, de privilegiamento ou de dar destaque a propostas culturais deste ou daquele outro país, estão se acumulando por toda parte na comunidade européia. Alguns países vêm se dedicando de maneira muito específica a esta área, como é o caso da Espanha, que descobriu na questão cultural uma vocação econômica muito forte, mas a Espanha vem investindo enormemente na atividade cultural nesta última década, a ponto de ter organizado um

fórum mundial da cultura em Barcelona para 2004, que se propõe a ser uma espécie de “olimpíada” da cultura a partir de então. Barcelona se autoconsagrou como a primeira sede deste fórum cultural e a esperança é que depois, em 2008, 2012, outras cidades do mundo se apresentem como sedes deste fórum cultural. Montevideú já se autocandidatou para as próximas versões. Mas é uma iniciativa pequena, isolada. Nós não temos, no Mercosul, nenhum espírito cultural que anime os quatro (mais dois países) em conjunto ou qualquer um desses países individuais para consagrar à cultura o mesmo tipo de lugar que se dá na comunidade européia a este instrumento. Este é, portanto, um quadro que eu faço da questão do comércio da cultura. Como eu disse, a Semana de Cinema Argentino que nós organizamos na USP provocou um enorme interesse do público jovem. O interesse por produtos culturais que venham do Mercosul existe, pelo menos numa camada mais informada, mais preparada. Não chego a dizer que é uma tendência geral do consumidor brasileiro ou de São Paulo. Existe algum interesse por isso; mas efetivamente nós estamos muito longe de fazer alguma coisa para que esse interesse crie raízes, seja do ponto de vista de políticas governamentais (porque todas elas tem sido, nessa área, absolutamente fantasmiais), seja do ponto de vista do outro ramo, do outro instrumento que está à disposição das políticas culturais, que é o da iniciativa privada, não se faz. Esses são dois pontos que eu acho importante na exposição do Hector: a distinção entre cultura e comércio da cultura. Estamos muito longe de uma coisa e de outra. Deveríamos estar mais perto de uma coisa e de outra? Deveríamos estar mais próximo da construção de uma cultura comum? Do ponto de vista do comércio da cultura me parece compreensível, legítimo e não haveria porque fazer qualquer censura aos esforços corporativos de cineastas, de escritores, de artistas plásticos, para aumentar, pura e simplesmente, o seu mercado. Tem sido assim com a cultura desde que alguém fez algum objeto e pôs esse objeto no mercado e não há porque barrar, não há porque censurar isto. Há esforços corporativos para ampliação do mercado e eu tenho de reconhecer que esses esforços, economicamente orientados de ampliação do mercado, acabam deixando um resíduo cultural interessante, que consiste na troca de experiências. A cultura não serve para nada, a arte não serve para nada, se não permitir a ampliação da esfera de presença do ser. Uma obra de cultura em sua magnitude plena significa isso: ampliar a esfera de presença do ser. E um comércio ampliado de cultura permite a ampliação da esfera de presença do ser. É verdade que esses esforços de ampliação do comércio não encontram respaldo, seja nas políticas do governo, seja nas

políticas de iniciativa privada. Deve ser perseguido? Sim. É um elemento de integração, no sentido que se coloca quando se fala de Mercosul, quer dizer, fundamentalmente uma integração econômica? Não sei. Cada vez mais me ocorre pensar que a idéia de integração econômica é, de fato, uma idéia do seu tempo, mas que a idéia de integração cultural não o é. Parece-me que a idéia de integração cultural teve um tempo, talvez há mais ou menos 80 anos. Talvez tenha havido uma idéia de integração cultural. A globalização é um processo que visa uma certa uniformização cultural, mas nós estamos cansados de saber que há uma reação fortíssima e natural ainda por enquanto a este processo de uniformização cultural. A integração cultural não me parece ser um desejo de nenhuma nação, povo ou comunidade que eu possa identificar e que tenha algum critério mínimo a respeito do que seja a vida, a existência e o tempo que nós passamos aqui na Terra. Ocorre-me pensar que a idéia de integração econômica sim, é uma idéia do seu tempo, mas que a idéia de integração cultural não é. E eu creio que nós teríamos que ter isso claramente na cabeça. Nós, freqüentemente em seminários deste tipo, trabalhamos com essas idéias de diversidade cultural e integração cultural, mas sem respeitar efetivamente as especificidades de cada uma e sem levar em conta o alcance conceitual que existe por trás de cada um desses conceitos. Se nós levássemos a sério a idéia de diversidade cultural, nós não estaríamos sentados discutindo integração cultural. A rigor, nós deveríamos verificar onde está escrita a expressão “integração cultural”. Integração cultural é um crime. Faz-se integração cultural quando, em um Estado politicamente fascista, se segrega uma etnia, num Estado religiosamente fascista, você pode segregar e integrar uma comunidade de uma outra religião, mas a integração cultural dentro dos parâmetros humanistas que nós partilhamos é rigorosamente um crime. Então, me parece, não há porque ser procurada. Ela é inevitável, mas isso é uma outra questão.

Eu não sou igual ao que eu era há dez anos atrás, nem o Brasil de hoje é igual ao de dez anos atrás, felizmente. E, portanto, me parece extremamente perigoso nós continuarmos a insistir na idéia de identidade cultural, nacional, supranacional, regional ou seja o que for. Eu não penso, de maneira nenhuma, que nós devemos, por exemplo, abrir as portas da Argentina e do Uruguai para a Rede Globo, como já estão mais ou menos abertas, ou abrir as portas do Brasil – mais do que já estão abertas – ao produto medíocre dos EUA, embora eu goste muito de ver os produtos excelentes dos EUA aqui e vice-versa. Nesse ponto de vista, eu concordo inteiramente com a política da exceção cultural que a França, muito feroz-

mente, vem tentando defender. Acho que é uma boa questão – e isto é muito comum no campo da cultura, porque a cultura é um vivo paradoxo, é quase impossível falarmos de questões culturais sem nos enredarmos nas próprias armadilhas que o nosso discurso nos apresenta. Não acredito em teorias unificadas e unitárias sobre cultura. A cultura não permite teorias unitárias, não permite teorias não paradoxais. A cultura é um complexo autocontraditório, felizmente. Então, ao mesmo tempo em que acho que, nas atuais circunstâncias, a prática, a política da exceção cultural francesa é uma coisa interessante, como ponto de política cultural, nacional ou supra-nacional, ao mesmo tempo em que sou o primeiro a reconhecer a veleidade de sustentação de uma identidade nacional a longo prazo. O homem não é um ser que foi feito para ficar igual a si mesmo. Não creio que exista uma essência humana a ser preservada em todos os seus detalhes. Existe sim uma condição humana que é mutante, que é mutável – não vou usar a palavra evolução, pois isto é extremamente perigoso – mas que muda. E assim como a situação humana, a cultura é mutável. Então, frequentemente, para encerrar, me parece que em seminários como esse ou em seminários de pessoas que aparentemente tem o poder de decidir, como os ministros de cultura etc., a questão sobre identidade cultural e políticas de identidade cultural, poderia, talvez, ser deixada de lado por outras discussões que teriam resultado prático mais imediato, mais efetivo e mais benéfico.

Resumindo: o filme da TAM me parece uma das mais belas peças de análise cultural que eu já vi nos últimos tempos. Muito bem fundamentada, do ponto de vista teórico, filosófico etc., etc., etc.

Intervenções

Intervenção do professor Nilson Lage

Eu gostaria de fazer uma observação sobre essa questão de imagem de um país com relação ao outro e de cada país de si mesmo. Ontem, nós tivemos à tarde uma mesa em que se discutiram aspectos de uma avaliação crítica do Mercosul. Achei muito interessante que os participantes brasileiros da mesa tomaram como *tabula rasa* que o Brasil naturalmente lidera o Mercosul. Ainda que estando um embaixador de um outro país do Mercosul na mesa... Ora, por que lidera o Mercosul? Por que é maior? Bom, então a Rússia lidera a Europa. Por que é mais rico? Rico em quê? Em desigualdade social, certamente. Por que tem um passado cultural melhor? Não, não sei. Por que tem uma literatura melhor? Não sei, não sei como comparar um Machado de Assis com Cortázar, com Puig ou com Borges. Mas isso mostra muito bem a representação que cada um de nós tem dos outros. Isso é um dado. E evidentemente ninguém tinha uma intenção agressiva, é simplesmente uma sensação, um *feeling*, que se tem normalmente. E que desenvolve um discurso a partir desse *feeling*, isso é um ponto tranquilo. Outra questão, que nesse momento se suscitou, é a diferença imensa que existe entre integrar culturas e informar sobre culturas. É óbvio que nós não precisamos integrar a cultura argentina à cultura brasileira para ampliar o nível de informação do povo e das elites brasileiras sobre a cultura ou sobre a produção cultural argentina, ou mesmo para associar esses dois centros culturais em algumas produções comuns, como seria extremamente interessante no caso do cinema, em que pese a incrível dificuldade lingüística – nós temos uma dificuldade lingüística fantástica, não porque nossas línguas sejam diferentes mas porque elas são semelhantes, e a semelhança lingüística é, me parece, um obstáculo infinito a essa questão, um obstáculo muito sério, muito mais do que se tivéssemos línguas completamente diferentes (é muito mais fácil pra mim me expressar em inglês do que me expressar em espanhol, porque em espanhol eu fico ridículo, e eu tenho medo do ridículo, todos nós temos um certo medo do ridículo). Isso é o que eu queria colocar, porque o programa de integração cultural, pelo menos

nos termos que eu o compreendo, não é a soldagem das culturas, mas sim a troca de informações culturais. Eu não quero que os turistas argentinos que chegam em Florianópolis, onde eu moro e trabalho, passem a usar sandálias havaianas – deixa eles irem para praia de tênis e meia. A gente acha muito engraçado, mas o que é que se vai fazer, eles são assim e não tem problema nenhum. Eu quero que eles sejam argentinos, senão não teria nenhum sentido querer outra coisa. E o conhecimento, embora nem sempre seja assim, costuma conduzir às vezes à tolerância. Por outro lado, antagonismos – nada mais antagônico que a Europa: Espanha e Inglaterra, França e Inglaterra, França e Alemanha, é um mar de conflitos passados – constituem um mercado comum, quando há interesse para isso.

Comentário do professor José Teixeira Coelho

Há um aspecto que esqueci de comentar e que acho bem importante, pra mim pelo menos: é o uso da cultura, o uso que se está fazendo da cultura, hoje em dia, nessas conversas sobre integração econômica e outras coisas mais. E talvez seja um uso que nós, como universitários, acadêmicos, pesquisadores, etc., estamos corroborando, estamos sendo cúmplices, nós estamos instrumentalizando a cultura e eu não gosto muito disso. Eu mencionei a questão do Fórum de Cultura de 2004 em Barcelona... Um dos temas é Cultura para a Paz. Um primeiro tema acho que era Diversidade Cultural, tudo bem, legítimo, o outro é A cidade sustentável, tudo bem, o terceiro era Cultura para a Paz, e aí fica para mim evidente que, mais uma vez, a gente vai instrumentalizar a cultura. Eu reconheço que a gente está em uma situação, especialmente num país como o Brasil, onde a gente vai buscar a salvação dos problemas sociais em qualquer lugar, inclusive na cultura. Então a gente espera que a cultura traga a paz urbana, que a cultura etc. etc. Mas eu gostaria apenas de deixar bem claro, em um fórum como esse, que a cultura tem as suas coordenadas e tem o seu programa e tem as suas funções, que nem sempre são aqueles que se procura atribuir à cultura em fóruns como esse, em políticas de integração como essa do Mercosul e coisa do gênero. E menos ainda quando em jogo está a arte. Pra mim a cultura é a regra, a arte é a exceção. Se a cultura ainda pode, eventualmente, por algum aspecto, que eu não gosto muito de admitir, mas sou obrigado a isso, se a cultura ainda pode servir para alguma instrumentalização, eu não vejo a arte de maneira nenhuma sendo atrelada a qualquer tipo de programa desse tipo sem que a gente imponha à arte uma destruição mesma do

seu programa visceral. E este uso, essa instrumentalização da cultura para esses programas começa a me preocupar. Esse uso *politicamente correto* da cultura começa a me preocupar. Eu tenho receio de que se isto continua nesta batida, por mais uns dez a vinte anos, nós venhamos a ter uma cultura e a arte com um papel social radicalmente diferente daquele que ela teve até recentemente, e que não será um papel muito agradável, muito entusiasmante para nós. Isso eu gostaria de agregar, como nota de pé de página, à minha intervenção.

Intervenção do auditório

Meu nome é Quembra, sou estudante. Eu gostaria de saber do Professor Teixeira Coelho qual a sua idéia sobre a cultura como instrumento de integração no Mercosul, porque, de uma certa forma, eu percebi uma opinião pessimista quanto a isso. Eu queria saber se você acha que a cultura pode ajudar na integração do Mercosul.

Resposta do professor Teixeira Coelho

Eu não posso deixar de reconhecer o aspecto economicamente crescente da cultura dentro do jogo comercial. Não há dúvida. Creio que a produção do audiovisual dos EUA é um dos três primeiros responsáveis pela riqueza nacional americana. O audiovisual, quer dizer: cinema, televisão, disco... É um dos três primeiros, esqueci agora qual que é a importância, talvez seja o segundo. Então não posso deixar de reconhecer isso. Se a gente está conversando a respeito de mercado – que aliás acho uma estratégia absolutamente desinteligente para promover a integração, mercado não é uma idéia que atraia nenhum de nós, é extremamente árido, vazio de sentidos. Eu preciso do mercado, mas eu não vivo no mercado, então eu não vivo no Mercosul e jamais vou querer viver no Mercosul. Eu posso querer viver em uma união, ou algo parecido... e acho, inclusive, que chamar Mercosul, mesmo que seja como estratégia intermediária, é uma má escolha. Mas isso é um outro problema. Então eu não posso deixar de reconhecer o papel econômico cada vez maior da cultura, como elemento do terciário, é o que está se desenvolvendo em quase todos os países – exceção do Brasil, que é obrigado a importar as grandes siderúrgicas dos outros países para gastar energia aqui e devolver um produto a baixo pre-

ço. Então a cultura tem uma participação econômica cada vez maior, ela é importante. E ela vai desempenhar de certa maneira um papel neste jogo econômico. O que me preocupa na verdade é a tentativa de domesticar a cultura, de pôr a cultura a serviço de uma outra coisa de maneira tão clara assim. Eu não sou ingênuo também a ponto de não perceber que, em toda a história anterior, a cultura sempre foi posta a serviço de alguma coisa: ela foi posta a serviço da Igreja, foi posta a serviço dos partidos políticos, foi posta a serviço de Estados, foi posta a serviço de interesses privados e uma série de outras coisas. Mas eu ainda acho que é possível descolar a dimensão cultural de tudo isso que eu mencionei. E portanto eu acho que nós deveríamos estar atentos para esta perda do caráter heurístico, subversivo, corrosivo, que a cultura e especialmente a arte podem ter. Às vezes, em alguns momentos, eu já vi fóruns, seminários, que procuram por diversas maneiras ver como é que a arte vai fazer este ou aquele outro papel, e não é exatamente isto que deveria estar em jogo. Então, tentando responder: ela vai facilitar a integração? Ela vai representar um peso, um peso político, um peso econômico, ela vai pesar, ela pode pesar. Se houver maior intercâmbio cultural, é possível que as pessoas se conheçam mais, se entendam mais, se apreciem mais e por isso negociem mais... eu não acredito nisso. Eu acho que o jogo do mercado se faz independentemente das pessoas se conhecerem mais, se gostarem mais ou outra coisa qualquer. Eu espero que haja, sim, um espaço para a cultura nessa integração, mas eu não quero investir cegamente todas as minhas fichas nisso.

Intervenção do auditório

Meu nome é Léia, e eu sou oficial de justiça. Eu fico tentando perceber como é que seria melhor desenvolvida essa integração do Mercosul ou de qualquer grupo, se seria através da economia ou através da cultura, cada um vai para um lado... Mas será que a gente não está em um momento de outras discussões, como ética e moral, coisas mais importantes para colocar a economia no lugar certo. Quando a gente fala assim, por exemplo, da globalização, a gente pode fazer a globalização de uma maneira humana, em que se respeite as culturas, os países... Eu acho que fica faltando essa discussão maior, de como se faz, mesmo que cultura seja trazida até nós através da economia, através de uma integração econômica, mas que seja feita de uma maneira para que todos tenham acesso, uma maneira mais humana. Acho que a gente está em um momento de crise da ética, da

moral, do comportamento humano. Eu acho que teria que haver uma discussão maior em relação a isso. Porque eu não consigo fazer uma distinção clara entre cultura e economia, a gente não consegue fazer isso. O homem está ligado tanto à arte quanto à economia. Por isso eu fico aflita com esta situação, porque eu acho que é uma coisa mais profunda do que o que isso que se discute...

Intervenção do professor Hector Schmucler

Yo primero quisiera señalar esto, que estamos usando el término cultura, como siempre ocurre, de maneras talvez distintas, ¿no?. Quiero decir, siempre que se habla de cultura tenemos este problema, que según algún autor conocido, dice que hay 300 definiciones de cultura, 300. ¿A cual de las 300 estamos aludiendo? Pero bueno, digo, estamos entre dos extremos de cultura. Una, que podríamos hablar de cultura como todas las formas no, que no sean expresión biológica, quiero decir, hasta ahora, nuestro organismo funciona al margen de decisiones mentales. Digo hasta ahora porque estamos a punto de que todo sea una decisión humana, la de como también funcione el propio cuerpo. Bueno, pero si le llamamos cultura a todo lo que sea creación, creación humana, el término es amplísimo, entonces, como ya se sabe, las formas de trabajar, las formas de comer, las formas de sonreír, todo, todo son formas de cultura. Y es importante esta versión que es la llamada versión antropológica de la cultura, todo es cultura menos lo que esta ofrecido por las situaciones naturales. En el otro extremo, la cultura sería las expresiones más sofisticadas, más elaboradas, de la creación humana. Digo, en estos dos extremos entendemos cultura por todas las formas que caracterizan la expresión de los seres humanos en un lugar determinado. En ese sentido creo que hay que ser muy amplio en la concepción de la cultura. Yo quería decir que en primer lugar el comercio, el comercio ya es una forma de cultura. La forma más penetrante de la unificación de las culturas, de la homogeneización de las culturas es creer que todo se resuelve a través del comercio, de que todos son objetos para comerciar. Yo hice alusión, cuando hablé, de como esta idea del comercio, y más que del comercio, la idea actual del mercado ha penetrado todas las formas de acción humana. Entonces los seres humanos, me imagino que en brasileño también se dice, en castellano es muy frecuente decir “yo me vendo de tal manera”, me vendo en sentido de “me presento de tal manera” para entrar en una relación. Yo me “vendo”, es decir, yo me

“hago” para venderme de alguna manera. Las tarjetas de visita, ¿cómo se llaman?, cartão, cuando uno lo entrega dice fulano de tal y abajo viene la descripción de los méritos que tienen para establecer una relación. Es más difícil que alguien entregue una - esta, la tarjeta personal – sólo con su nombre. ¿Por qué? Porque en realidad el valor esta dado por lo que sigue al nombre y no por el nombre en sí. Quiero decir, esta idea del ser humano como parte de un intercambio, un intercambio mercantil, ya es una forma de cultura. Por eso señalaba, bueno, algunas de, algunas expresiones ¿no?. Pero esta idea del mercado, es decir de la compra y venta, de la manera en que se genera la imagen, y aquí yo uso la imagen en el sentido que tu decías, pero también en la imagen desde el punto de vista de los publicitarios. Los publicitarios saben que lo que importa es la imagen, es decir, como se vende, como se ofrece, como se instala en mercado, una institución, un partido político, una pasta para limpiarse los dientes. Es exactamente lo mismo, en la misma, con la misma lógica del publicitario que piensa en el mercado, piensa al político, piensa a una universidad, piensa a un laboratorio científico, etc. Este es el hecho cultural, me parece, más importante. En este sentido, digo, no es un problema de intercambio de objetos culturales sino esta práctica, en la cual entendemos todo por mercado, es el hecho cultural, creo, más relevante. Este es punto de referencia, ¿cómo diría?, es la, el hecho más penetrante: el que todo quede reducido a la idea de mercado. A veces no nos damos, no percibimos cuanto en cada uno está metida esta idea. Para los que estamos en universidades, en centros de estudio, no siempre nos damos cuenta que la manera de actuar está determinada por una concepción de mercado. Quiero decir, muchas veces los que estamos en mundo de la academia hacemos un trabajo, escribimos un trabajo para instalarnos en el mercado, no por las ideas que necesariamente vamos a difundir. Es decir, cada uno de ustedes, los que son profesores saben que uno tiene que producir, tiene que asistir a congresos, tienen que venir a seminarios, seminarios que dan certificados. ¿Por qué?. Porque todo esto es la acumulación del capital por el cual nosotros nos instalamos competitivamente o no en el mercado y muchas veces, sigo hablando de la academia, la competitividad está dada por el número de certificados que tenemos y no por lo que sabemos y muchas veces los que más certificados tienen no son, necesariamente, los que mejor piensan. Los verdaderos maestros, creo yo, no son los que tienen muchos certificados sino los que pueden transmitir ideas. Bien, insisto en esto porque esta idea del mercado es el dato cultural predominante que penetra todos los rincones de nuestra existencia y entonces, en fin, quiero aclarar eso. Segundo, yo creo que integración,

como se ha hablado acá, por el mismo, el concepto de integración o tiende a unificar, o yo no le encuentro sentido, si no tiendo a generar algo nuevo, integrar no es, necesariamente, intercambiar.

Porque siempre hubo intercambios. Yo creo que en la idea de integrar, y en ese sentido estoy de acuerdo, ¿cómo se integran las culturas?, salvo por un mecanismo abstracto que es mercado pero si no requiere un tiempo, requiere una experiencia. Yo diría que América Latina, por ejemplo, ha estado, está integrada en un aspecto, estuvo y está, por algunos valores comunes, por ejemplo, los valores religiosos. Ha habido, digo, hay algo común a un sector, pero muy amplio, de la población de América Latina, que es compartir ciertas creencias religiosas. Yo no le estoy dando valor, no digo si está bien o está mal, pero este es un hecho evidente. El ser cristiano, por ejemplo, es un elemento de identificación entre habitantes de diferentes países de América Latina, de mucho más fuerza que las obras concretas que produce. Hay, o hubo, formas también de esta común identidad que son, que fueron los grandes movimientos políticos que recorrieron todo América Latina. Quiero decir, estos elementos, esta identidad en concepciones, en creencias, es lo que establece formas de identidad. Religión por un lado, en el otro lado, insisto, ciertas concepciones políticas. Es cierto que la política esta en caída pero durante años, durante, talvez, en los comienzos del siglo pasado, pero sobretudo en la época de los sesenta, setenta, cuando empezaron a agitarse, la idea de unidad latinoamericana contemporaneamente tenía un fuerte fundamento político, una concepción, buena o mala – no, tampoco discuto ahora –, pero una concepción común, entonces entre un chileno, un argentino, un uruguayo, un brasileño, un venezolano, un colombiano y un boliviano que coincidían en la idea de la unidad latinoamericana frente a ciertos peligros que en aquel momento estaban caracterizados por el imperialismo norteamericano. Había una identidad, había una identidad donde había un lugar de encuentro – insisto que no le estoy dando méritos o desméritos – pero sin estos elementos, sin estos elementos comunes, sin este sistema de pensamiento que permite desarrollar algo en común, yo no veo como simplemente por intercambios vamos a integrarnos. Por que si hay, con esto termino, porque hay una integración que es fundamental. Nada se intercambia más, mejor dicho, nada nos llega más, que la cultura norteamericana. En realidad estamos, ironicamente, integrados en la cultura norteamericana. En realidad nuestros pueblos en buena parte, dejemos a un lado las excepciones, pero en buena parte repiten, se integran, se reconocen a partir de una cultura que nos viene de otra parte y que ha sido

asumida como cultura propia. Quiero dar un simple ejemplo porque me parece que es importante. En un artículo justamente, que aparece en la magnífica revista *Comunicación & Política*, en último número, hay un trabajo donde habla de lo global y de lo local y dá un ejemplo, como no es tan grave la globalización. ¿Por qué no es grave? Porque se dice que localmente se asumen algunas globales y se la dá identidad propia, por ejemplo, habla de las comidas rápidas, de los *fast foods*, y entonces dice es cierto que hay una mcdonalización del mundo pero también aparecen cadenas que hacen comidas locales. Y a mi se me ocurría cuando leía esto, lo que no se observa es que la cultura es el *fast food*, no el gusto de la comida. Esto no tiene nada que ver con identidades propias. El *fast food*, la idea del *fast food*, la comida rápida, este es el dato cultural al margen de los contenidos concretos. Y a veces nos equivocamos, creemos que las formas de vida, de vida cotidiana son independientes de nuestra cultura. No como comemos, ¿como comemos?, si comemos rápido o comemos lentamente, si comemos parados para seguir el trabajo o podemos sentarnos con algunos amigos o alguna familia a comer, si podemos darnos el lujo de preparar comodamente como tuve el placer de experimentarlo el domingo pasado, pero eso es una historia personal. Digo, si podemos darnos el lujo de comer, de preparar una comida en un ambiente de amistad, en un ambiente familiar, la vida es distinta. No es lo mismo comer algo preparado rápidamente, para seguir en el sistema de producción, que darse el tiempo de hacer la comida, sentarse, conversar y vivir en común con otros. Bueno, estoy planteando un mundo idílico. No es tan idílico, a cada uno nos gusta hacerlo pero, al margen de que lo podamos hacer o no, ahí está el cambio cultural. No es el hecho de que se vendan hamburguesas o pizzas, o empanadas, en fin cualquier comida regional, no cambia, no cambia la idea de la vida concreta que es impuesta por el *fast food*. De manera que a mi me parece que tendríamos que tener cuidado por lo menos en el uso de ciertas palabras, ¿no?. El simple intercambio, yo decía el otro día, no necesitamos el Mercosur para el intercambio. Los grandes autores brasileños en Argentina se difundieron a partir de ser estos autores y de una apertura de la Argentina a leer estos autores. Los grandes autores argentinos se difunden en Brasil. Con Uruguay la cosa es más simple porque tenemos los mismos autores, todos somos rioplatenses. Digo, pero también en la medida que hay una apertura a esos autores, no porque los aranceles bajen. Yo me permito insistir en esto porque me parece que las, los procesos de comunicación cultural e inclusive de integración, son lentos procesos que no se imponen por decreto. O se van dando por cierta

comunidad de ideas y de aspiraciones, o se vuelve una pura, un puro gesto administrativo, ¿no?

Intervenção do Embaixador Agustin Espinosa

Después de un día y medio de debates alrededor de este Mercosur, después de diez años, ha quedado bien claro, en mi percepción, dos visiones del proceso: una, que como fue definida hoy, estamos frente a los diez años de una experiencia de integración comercial que es simplemente el resultado, el producto de la globalización de la economía mundial. El Mercosur surge como una necesidad de hacer más competitivas las economías de los cuatro países y permitirles insertarse mejor en el mundo. Ese Mercosur puede estar, o no, em crisis porque la coordinación macroeconómica entre los países ha fallado, porque factores externos de la economía mundial han atentado contra el cumplimiento de los objetivos, porque las normas que se han dictado para regular el mercado ampliado no han sido cumplidas, en fin, por diferentes, por diferentes razones conyunturales, estructurales que hacen que ese proceso esencialmente con un objetivo comercial, a los diez años pueda estar pasando por una crisis superior a las otras. Ese es un Mercosur que ha quedado claro y tipificado aquí por algunos de esos expositores. En ese Mercosur, la integración y el rol de la cultura es irrelevante, no le agrega nada al proceso. En esa percepción de quienes lo ven así, la cultura no es un factor importante como no es tampoco el de la coordinación política, como no es tampoco el de el cumplimiento de objetivos en materia de, de respeto a las instituciones o a la democracia. Por lo tanto discutir el rol de la cultura, en un proceso de integración que es una respuesta a la economía globalizada mundial no, no, no tiene espacio en esta discusión. Para quienes creemos que el Mercosur es otra cosa, que es un proyecto con alto contenido estratégico, político e histórico y que responde a los objetivos del Tratado de Asunción, que yo leí ayer, donde se habla que el objetivo de este proceso es acercar más a los pueblos de los países que lo integran, que es alcanzar objetivos de justicia social y bienestar para los pueblos, que habla que esos objetivos deben cumplirse con respeto al medio ambiente, que deben efectuarse en marco de condiciones mucho más altruistas que el de un simple mercado común, ahí sí la cultura, la integración de la cultura y de otros elementos y ahí voy a responder a la, a la estudiante que hacía un comentario, ahí sí tenemos que detenernos. Porque para los que creemos

que el Mercosur es ese proyecto con sentido estratégico, histórico y político, la integración cultural como la coordinación política, el respeto a la democracia, el respeto a los derechos humanos y el contenido ético, que esta faltando en este momento al Mercosur, es muy importante. ¿Por qué?. Porque en ese Mercosur con sentido estratégico, histórico y político, lo que estamos haciendo es un salto cualitativo, un tipo de sociedad hacia otro tipo de sociedad. Y sobretodo eso le concierne a los jovenes porque los jóvenes no se enamoran de alícuota de la tarifa exterior común. A los jóvenes no les interesa saber si se subió o se bajo veinte por ciento de la tarifa. Estos jóvenes que van a tener que vivir en un espacio donde va a haber libre circulación de personas, reconocimiento de títulos y donde van a tener que ejercer sus profesiones y su vida en identicas condiciones en el Brasil, la Argentina, el Uruguay, o el Paraguay, querrán vivir un espacio más justo, más democrático y en un espacio donde la ética forme parte, la ética de los gobernantes y de los líderes, forme parte de ese espacio en cual van a tener que vivir. Y ahí sí, la cultura, la educación, el respeto a los derechos humanos, la democracia y elementos morales y éticos importantes juega un rol muy importante y eso sí que ahí merece un debate. Pero para eso tenemos que ponernos de acuerdo sobre como concebimos el Mercosur. Aquí ha quedado claro que hay dos visiones muy claras. Mercosur, proceso meraramente mercantilista, yo creo que ha sido inútil dedicarnos a un debate sobre eso. Pero si entendemos el Mercosur como un proyecto histórico que nace de la separación, del aislamiento y del vencimiento de los gobiernos dictatoriales en América Latina para encontrar un nuevo escenario para nuestros hijos, en ese sentido sí, cultura, democracia, derechos humanos y valores éticos son esenciales. Pero me da la impresión de que para eso tendríamos que haber definido mejor el marco de que Mercosur estabamos hablando. Ha quedado claro que aún al día de hoy hay dentro de la academia, fuera de la academia, dentro del mundo diplomático, fuera del mundo diplomático y sobretodo en la gente de la calle dos visiones totalmente diferentes, una muy mezquina y la otra mucho más ambiciosa.

Gracias.